

Diálogo entre DIREITOS HUMANOS e PSICANÁLISE

DATA

Sábado 15 de abril
11 a.m. a 3:30 p.m

De Argentina e Brasil

Evento Gratuito



CAPSA
(IPA)

A P
de BA



Diálogo entre direitos humanos e psicanálise / Compilação Isabel Mansione y Liliana García Domínguez.
- 1a ed. - Montevideo: FEPAL, 2023.

Livro digital, pdf

Arquivo digital: download e online; 1360 KB

ISBN 978-9915-9336-1-0

1. Psicología I. Mansione, Isabel, comp. II. García Domínguez, Liliana, comp. III. Título.
CDD 100

Primeira edição: novembro de 2023

© FEPAL, 2023

Luis B. Cavia 2640 apto. 603 esq. Av. Brasil

Montevideo 11300, Uruguay

Tel.: (598 2) 707 5026

fepal.sede@gmail.com

ISBN: 978-9915-9336-1-0

PROGRAMA

Comunicação interativa entre expositores, comentadores e o público.

11 da manhã: Abertura pelas autoridades da FEPAL e APdeBA.

11h15: Espaço de intercâmbio nº 1: o que é que nós terapeutas estamos a aprender sobre os nossos preconceitos nos cenários actuais?

Oradores: Comité IPA da ONU Paola Amendoeira (Brasil), Mona Sargam Jain (EUA), Laura Ravaioli (Italia) e Alexander Kalogerakis (EUA).

Comentadores: Yolanda Gampel (Israel), Romulo Mutemba (Moçambique), Anton Glasnovic (Grupo Sófía - antigos países jugoslavos), e Marita Cayupán (Direcção da Comunidade e Cultura da FEPAL).

13 às 13:40: Intervalo.

13:40 hs.: Espaço de intercâmbio nr. 2: Formação psicanalítica e direitos humanos nas nossas instituições.

Oradores: Comité IPA na UNO.

Comentadores: Romy Nassif Assaf (Líbano), Miriam Medina (Cabo Verde), Marta Skelin (Grupo Sófía - antigos países jugoslavos) e Maridel Canteli (Grupo de Estudos Psicanalíticos na Comunidade da FEPAL).

Encerramento: pelo Dr. Marcelo Viñar (Uruguai)



CAPSA
(IPA)

A P
de BA



ÍNDICE

[Mais que um evento, uma ação!](#) por Wania Cidade (Presidente da FEPAL)

[Prefácio de Carmen Crespo](#) (Presidente da APdeBA)

[Introdução de Isabel Mansione e Diana Zac](#)

RELATÓRIOS DO PRIMEIRO ESPAÇO DE INTERCÂMBIO

[O que nós, terapeutas, estamos aprendendo sobre nossos preconceitos nos ambientes atuais?](#)

RELATORES

- [Marta Muller Stumpf](#)
- [Víctor Cruz](#)
- [Natalia Mudarra](#)
- [Carolina Gioacchini](#)

RELATÓRIOS DO SEGUNDO ESPAÇO DE INTERCÂMBIO

[Treinamento psicanalítico e direitos humanos em nossas instituições](#)

RELATORES

- [Andrea Poyastro](#)
- [Camila Gastelumendi](#)
- [Fernando Álvarez](#)
- [Antonio Ramírez](#)

[Como se fosse um epílogo](#) por Liliana García Domínguez

[Os relatores](#)

Mais do que um evento, uma ação!

Quando iniciamos a gestão da Federação Psicanalítica da América Latina – FEPAL, em outubro de 2022, pensamos em uma carta de propósitos, em um programa que norteasse a nossa caminhada. Nele, destacamos a importância de um trabalho que levasse em conta os laços comunais, que valorizasse a vida de todos e que pudesse pensar a prática psicanalítica construída coletivamente, considerando a diversidade social e da América Latina. Então propusemos:

Neste sentido, a psicanálise, suas instituições e seus membros têm o compromisso de avaliar e de acompanhar a história e as mudanças no campo sociocultural, e de exercitar o trabalho sistemático de reflexão e de prática que promova uma **psicanálise democrática**, inclusiva, que abarque todo o corpo psicanalítico, que se envolva, que discuta e que se pronuncie diante dos problemas da sociedade, que atue de maneira horizontal, considerando toda a diversidade que nos organiza como Federação Psicanalítica da América Latina.

(...). Pensamos em uma FEPAL atenta à realidade social, econômica e política de nosso continente e de nosso tempo, preocupada com a progressiva deterioração da realidade política, do discurso democrático, inquieta com o avanço dos movimentos populistas e com os diferentes sinais que encorajam narrativas baseadas no ódio e na rejeição do que é diferente com a exclusão arbitrária e acrítica que fomenta as desigualdades socioeconômicas.

Em nossa proposta de trabalho nos comprometemos com a retomada de estudos e debates sobre a prática psicanalítica grupal. “Investigar, a partir do discurso freudiano e dos pós-freudianos, o trabalho do inconsciente na estrutura grupal”.

Em abril de 2023, portanto, seis meses depois da posse da atual diretoria, fui presenteadada com o convite de Diana Zac e Alicia Briseño (diretora e suplente do departamento de Comunidade e Cultura) e de Isabel Mansione (coordenadora do grupo de estudos Psicanalistas na Comunidade) para abrir a primeira Webinar deste campo de trabalho em nossa gestão, que reuniu psicanalistas do mundo, apresentando representantes dos continentes americano, africano e europeu e do Oriente Médio. Foram algumas horas de realização, de debates e de escuta a respeito dos problemas que enfrentamos no mundo, e da necessidade de mudanças no ambiente psicanalítico para que consideremos de fato as desigualdades, abrindo espaço para o ato de incluir.

Uma conversa viva é aquela em que aparecem pontos de vista diferentes e que são tratados com a mesma atenção, interesse e respeito. Foi isso que tivemos nesse encontro multicultural no qual os psicanalistas puderam mostrar a pujança de seus pensamentos desacomodados, críticos e resistentes a um suposto mandato de que a psicanálise só se configura como tal se for feita a dois.

A Associação Psicanalítica Internacional (IPA) também esteve representada e coube aos seus representantes iniciarem o debate. Trouxeram-nos a não imunidade humana aos preconceitos quando lidamos com situações desconhecidas, ou cuja lógica nos defronta com o diferente, e a capacidade psicanalítica de expandir-se em face dos conflitos, promovendo novos significados para situações antes obscurecidas.

Em um mundo cujo sistema político é o neoliberal, individualista e regido pelo capital, a máxima do evento foi a nossa implicação, como pensadores e intérpretes da cultura, com os Direitos Humanos. Cabe-nos utilizar o pensamento psicanalítico dirigido também para aqueles que não têm direito à vida como cidadãos, faltando-lhes o acesso à saúde, à alimentação, à educação, à habitação, e muito mais ao mundo tecnológico. É necessário que nos voltemos para os sujeitos subalternizados e deixados à própria sorte. Se nos movermos, poderemos reclamar voz para esses indivíduos e trabalhar por políticas públicas que promovam saúde física e mental.

O grupo organizador do evento criou um vídeo, exibido logo no início, que nos revelou a intenção de um trabalho grande e poderoso que visa sensibilizar os psicanalistas para as mazelas da vida cotidiana que isolam grande parte da comunidade humana.

Emocionamo-nos com a criatividade e com a potência do grupo organizador da Webinar, assim como dos palestrantes e do público presente e ávido por participar. *Mais do que um evento, foi uma ação!* Eles deram vida ao que antes era uma ideia embalada por mim, pelo grupo, muito antes de nosso encontro, e por tantos outros psicanalistas que compreendem que este é o caminho para uma psicanálise democrática. Ouçamos mais e mais este coro que ainda sonha.

Wania Cidade

Presidenta da FEPAL

PRÓLOGO

Agradeço aos organizadores pela possibilidade de escrever este prólogo de uma publicação que condensa a história, a elaboração, a construção e a realização de este webinar **Diálogos entre Direitos Humanos e Psicanálise**, organizado pelo Departamento de Comunidade e Cultura da FEPAL e seu grupo de estudos denominado Psicanalistas na Comunidade.

Estou particularmente satisfeita com a qualidade do trabalho realizado e, nesse sentido, gostaria de expressar minha gratidão aos autores pela contribuição que esta publicação representa para o crescimento e a amplitude do pensamento psicanalítico.

Foi uma proposta corajosa, pois, como diria Marcelo Viñar: "Incluir os direitos humanos como um tema para pensar a partir da psicanálise implica perguntar-se novamente e questionar certos pilares básicos do edifício teórico de nossa disciplina". Também coloca nosso trabalho em uma interface entre o indivíduo e a comunidade, na qual a questão dos direitos humanos está em jogo e nos obriga a uma recriação permanente de nosso pensamento.

Trabalhar para que a psicanálise cumpra o mandato inevitável de ser porta-voz dos direitos humanos e integrá-los em sua prática nos coloca diante de desafios que não podem deixar de lado a realidade social, moral, histórica, política e econômica, bem como as diversidades e particularidades a partir das quais desenvolvemos nossa prática.

É necessário que, como psicanalistas, coloquemos em ação todo o potencial criativo de nossa disciplina e de suas ferramentas a serviço da melhoria da saúde mental da população, trabalhando também nesse limite incerto em que o indivíduo e o coletivo estão entrelaçados. Parte da função terapêutica da psicanálise é desempenhada na busca de modelos de intervenção que ajudem a aliviar a doença dos vínculos sociais.

Essa parte dolorosa do mundo em que vivemos nos confronta com cenários de extrema pobreza e vulnerabilidade, com carências no nível dos direitos humanos básicos - como alimentação, saúde, moradia, trabalho e necessidade de pertencer, entre outros -, sem os quais é impossível pensar no desenvolvimento do direito à saúde mental.

Talvez seja por isso que uma nova consciência dessas questões esteja ocupando um lugar predominante nas associações psicanalíticas latino-americanas, produzindo movimentos e crises de crescimento, bem como o desdobramento de um potencial criativo que se expressa em produções como a apresentada aqui.

Este webinar, cuja publicação nós celebramos hoje, é o resultado da força da psicanálise latino-americana e de suas práticas comunitárias além do consultório. Trata-se de devolver ao sujeito sua condição de ser atravessado por seu ambiente nos diferentes estados e etapas de sua vida e pelos acontecimentos do presente histórico em que vive.

Carmen Crespo

Presidenta de APdeBA

INTRODUÇÃO

Apresentamos um documento emocionante, produzido pelos analistas em treinamento latino-americanos que trabalharam como relatores no webinar cujo tema central foi o diálogo entre direitos humanos e psicanálise.

Ele inclui o que pôde ser registrado manualmente, bem como seus pensamentos, afetos e apreciações sobre as variações no clima da reunião e sua dinâmica particular.

Foi organizado pela FEPAL e pela APdeBA, com base no trabalho conjunto do Grupo "Psicanalistas na comunidade" com a Diretoria de Cultura e Comunidade. Contou com o apoio de colegas que entraram em contato com os representantes da IPA na ONU, com as Associações e pessoas de Israel, Líbano, Eslovênia, Moçambique e Cabo Verde, que se tornaram palestrantes em um diálogo interativo, que incluiu representantes do Grupo "Psicanalistas na comunidade" e da Diretoria de Cultura e Comunidade da FEPAL e o público, como convidado adicional.

O passo inicial dado pela América Latina na organização deste evento vem da força da psicanálise latino-americana e de suas práticas, tanto na comunidade quanto no consultório, inovadoras no sentido de devolver ao sujeito sua condição de atravessado pelo ambiente, sejam na felicidade ou no sofrimento.

E por que estamos presentes na comunidade?

Porque convivemos com a violação dos direitos humanos, com a inversão de perspectivas no relato dos fatos, oficializada pelo colonizador, assim como lutamos para recuperar uma psicanálise que nasce da consciência de sua participação na sustentação da liberdade.

No decorrer do webinar, houve um clima de expectativa e amizade, com vozes e perspectivas muito diferentes, algumas delas se confrontando, mas todos gostando da reunião, mesmo quando foi necessário expor posições críticas sobre organizações internacionais e situações de abandono da comunidade internacional em relação a alguns povos. Porque poder dizer isso ajuda a nos aproximarmos da verdade e a subjetividade precisa da verdade para um crescimento saudável.

A reunião foi aberta por Wania Cidade, presidente da FEPAL, e Isabel Mansione, coordenadora do grupo "Psicanalistas na comunidade". Os principais conceitos citados por elas referiam-se à transformação necessária para:

- que nossas instituições sejam inclusivas
- que a Psicanálise, por meio de suas práticas, apoie o cumprimento dos Direitos Humanos.
- co-construir uma psicanálise que, a partir de uma abordagem comunitária, propague a ideia de que ninguém vive, cresce ou é salvo sozinho.

O trabalho de pensar sobre esses conceitos deve desnaturar as suposições que são introduzidas subliminarmente até mesmo na própria ciência.

Poderíamos dizer que a transformação passou por nossa subjetividade ao trabalhar na comunidade e também que produzimos uma "cultura para a transformação", em pequena escala, mas com a esperança de aumentar nossa participação nas políticas públicas.

A diversidade e a pluralidade estão fortemente presentes nos territórios em que trabalhamos, e estamos constantemente nos treinando para manter uma comunicação empática com os grupos e com nós mesmos. Essa comunicação pode sustentar uma leitura esperançosa das vidas que são prejudicadas, sem associar os obstáculos às classes sociais; os obstáculos ocorrem onde o desenvolvimento é interrompido, inclusive em nós mesmos.

A verdadeira revolução para nossos sistemas sociais está na busca da equidade, possivelmente uma utopia, que nos leva a sustentar um trabalho para o cumprimento dos Direitos Humanos e a conseguir pensar para descobrir aqueles que ainda não foram nomeados, porque é muito difícil desnaturar o que nos é imposto pela agenda social.

Como disse Leontiev Vygotsky e mais tarde - em outro marco - Bourdieu: o maior trabalho para nossa vida E A COMUNIDADE é nos libertarmos dos limites que a sociedade nos impõe para pensar, porque ela nos fornece as ferramentas para pensar o que é permitido pensar e que é introduzido subliminarmente nas esferas acadêmicas.

Isabel Mansione e Diana Zac

Isabel Mansione é Coordenadora de Psicanalistas na Comunidade da FEPAL.

Diana Zac é Diretora de Comunidade e Cultura da FEPAL.

ESPAÇO DA MANHÃ

Contribuições da Psicanálise nos cenários atuais: o que precisamos de aprender nos cenários de trabalho atuais sobre o preconceito

Moderador: Dr Carlos Tewel

Coordenação:

- Bet Cimenti
- Gabriela Salazar
- Dionela Toniolo
- Maggie Jacobs

Representantes do IPA na ONU

- Paola Amendoeira (BRASIL)
- Mona Sargam Jain (ESTADOS UNIDOS DE NORTEAMÉRICA)
- Laura Ravaioli (ITALIA)
- Alexander Kalogerakis (ESTADOS UNIDOS DE NORTEAMÉRICA)

Comentadores:

- Yolanda Campbel
- Romulo Mutemba
- Anton Glasnovic
- Marita Cayupán

RELATÓRIOS

A dinâmica das relatorias incluiu uma distribuição de relatores a cada meia hora.

Não é um registro, mas o resumo e as impressões do relator.

Marta Muller Stumpf

O webinar começa com a apresentação do vídeo musical "Samba da Utopia"¹. Todos parecem muito entusiasmados e ansiosos por este belo encontro com tantas pessoas de diferentes lugares e culturas.

*"Se o mundo se torna pesado, peço emprestada a palavra "poesia".
Se o mundo se enterrar, rezarei para que a sabedoria chova das palavras.
Se o mundo andar para trás, escreverei num cartaz a palavra "rebelião".
Se ficarmos desanimados, colherei no jardim a palavra "obstinação".*

¹ De Jonathan Silva

*Se no fim acontecer de entrar no nosso quintal a palavra "tirania".
Pega no tambor e no ganzá, e vamos para as ruas gritar a palavra "utopia".*

Os participantes estão muito entusiasmados. Alguns dançam e cantam com o coro como numa bela sinfonia, em que há um grande desejo de respeitar os direitos humanos de todos e para todos. Pouco depois, há uma demonstração de um vídeo com instruções sobre a língua.

Patricia Arévalo Pla, da Associação Psicanalítica do Uruguai, começa com instruções sobre o funcionamento do webinar, que conta com 167 inscritos, presentes no turno da manhã, provenientes da América, Europa, Europa de Leste, Ásia e Oriente.

O webinar foi **organizado** pelos membros do **grupo de estudos da FEPAL "Psicanálise na Comunidade"**, bem como pelo **Departamento de Psicanálise e Cultura da FEPAL**, com o apoio da **APdeBA** para a candidatura ao financiamento do IPA CAPSA.

Isabel Mansione exprime a sua emoção ao partilhar a abertura e declara que **a partir do trabalho no território, ou seja, escolas, hospitais, prisões, redes sociais, catástrofes naturais e sociais, migrações, "aprendemos com dor que onde há uma necessidade insatisfeita há direitos negligenciados"**.

Wania Cidade, presidente da FePAL, fala sobre a prática da psicanálise preocupada com os problemas do mundo e agradece às organizadoras do grupo de estudos comunidade e cultura, Diana Zac e Isabel Mansione. Ele diz que onde há sofrimento psíquico e doença mental, a psicanálise deve entrar, também no sentido social. Lembra que mais de 300 ativistas de direitos humanos são assassinados na América Latina, como aconteceu com Chico Mendes, por exemplo. Fornece dados alarmantes sobre a pobreza e as desigualdades sociais.

Há um clima de grande comoção no grupo e, ao mesmo tempo, de intensa motivação. Isabel explica aos participantes que a letra da música de abertura estava em português e traduz alguns trechos do refrão para o espanhol, para que os tradutores possam, por sua vez, incluir os falantes de inglês.

Abre-se o primeiro espaço de intercâmbio coordenado por Carlos Tewel, cujo tema é **Contribuições da psicanálise para os cenários actuais: o que é que nós, terapeutas, estamos a aprender nestes cenários sobre os nossos próprios preconceitos?** Teresa Popiloff (apoio), Beth Cimenti, Gabriela Salazar, Dionela Toniolo e Maggie Jacobs estão a coordenar este primeiro momento, assim como os relatores deste momento inicial do webinar: Marta Müller Stumpf, Victor Cruz, Natalia Mudarra e Carolina Gioacchini.

Carlos Tewel começa por agradecer à FEPAL, o grupo de estudos de comunidade e cultura da APdeBA e refere que o webinar é organizado por mais de quarenta profissionais. Faz referência a Freud, que chegou a Londres em 1928 quando seus livros foram queimados, e às muitas mortes durante a Segunda Guerra Mundial, às migrações de africanos nos mares, às muitas guerras. Ele evoca o pensamento sobre a pulsão de morte e o quanto o progresso tecnológico prolonga o tempo médio de vida, e isso nos remete à subjetividade, por causa da quebra de pactos simbólicos, quando não há consideração pelo outro, pela sua subjetividade. Menciona marcos sociais importantes, como o movimento feminista e as novas subjetividades, que colocam em xeque os paradigmas sociais, os pactos que não são mantidos. Ele considera que a psicanálise deve incluir todas as práticas de subjetivação.

O coordenador apresenta os quatro representantes da IPA que desenvolverão o tópico, os quatro comentaristas e as perguntas que poderão ser feitas posteriormente. Cada pessoa que

desenvolver o tema receberá uma comunicação quando faltarem dois minutos para o término da fala. Ele apresenta a primeira pessoa a falar, a **psicanalista Paola Amendoeira, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Brasília e representante do subcomitê de comunidade e cultura da IPA. Ela agradece a oportunidade.**

Paola fala com grande emoção sobre essa questão urgente e atual. Ela considera que o mundo nunca foi fácil, mas que atualmente está passando por dificuldades consideráveis relacionadas a migrações, pandemias, guerras, terrorismo, que estão agravando a vulnerabilidade de todos, o que também tem sido observado desde o lugar da infância. A psicanálise e os psicanalistas são chamados a contribuir com teorias e práticas mais humanas e voltadas para a humanidade, a fim de termos uma sociedade mais integrada, comunitária e justa. Devemos contribuir para a grave crise comunitária. Ele fala sobre o século de preconceito enfrentado e os estudos e pesquisas feitos sobre o preconceito na clínica e seus efeitos. Fala também sobre a importância das abordagens multidisciplinares. Ela menciona o reducionismo binário, as questões de raça e gênero; a alteridade, a diferença e a estranheza, que são questões fundamentais a serem pensadas e estudadas; e os pontos cegos dos analistas.

[Voltar ao ÍNDICE](#)

Victor Cruz - SPRJ (Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, Brasil)

*Se o mundo ficar pesado, eu vou pedir emprestada a palavra “poesia”
(Samba da utopia)*

Começarei falando de minhas emoções: impossível não mencionar o efeito duradouro do ritmo envolvente, sensível e aveludado, que deslizou entre nós, gerando profunda emoção. O clima amical, regado à esperança e alegria, proveniente do “Samba da Utopia”.

Ainda na fala de Paola Amendoeira, observou-se o destaque dado à função da IPA como componente da ONU, que tem o direito de se pronunciar e de ter seu ponto de vista considerado, além de poder ser consultada sempre que se fizer necessário.

Na sequência, a psicanalista fala da necessidade de se criar pontes de contato entre os membros, que sirvam de apoio para os comitês e as comunidades espalhadas pelo mundo, desenvolvendo alianças dentro e fora da IPA.

Abordando os preconceitos, Paola cita o jovem psicanalista mexicano Marcos Posadas ao falar do preconceito como um sistema complexo, que deve ser abordado multi e interdisciplinarmente. Propõe a ampliação dessa conversa, e instiga-nos a trabalhar os sentimentos dolorosos presentes na clínica, nas sociedades e nos institutos psicanalíticos.

Imaginamos que, muitas das vezes, o que está em jogo é a capacidade que os analistas têm ou não de experimentar uma quantidade variada de afetos. Como essas realidades estrangeiras entram em ressonância com seus próprios mundos internos. Se são empáticos aos sofrimentos presentes em outras culturas, e se têm a sensibilidade para compreender, levando em consideração o que é próprio de cada um, em seu contexto específico, não raras as vezes, muito distintos do que se conhece no mundo ocidental euro-centrado. A contratransferência cultural existe e opera de modo a dificultar que nos livremos das identificações imaginárias contratransferenciais colonizadoras e idealizadas. Parece-nos imprescindível almejar a uma

psicanálise que possa também estar aberta a aprender com o novo, com o diferente, e que não esteja apenas voltada para si mesma, com seus aportes protocolares prêt-à-porter.

Carlos Tewel agradece pela 1ª comunicação e passa a palavra para a **Mona Jain de Nova Iorque**.

Mona inicia sua fala dizendo da necessidade de se pensar de modo concreto e prático, respeitando, certamente, as demandas da realidade externa. Menciona a revolução industrial e a degradação da mulher, a exclusão das mulheres (que passa a habitar um não-lugar). Foi uma exposição mais rápida e condensada.

Em seguida, foi chamada a terceira participante **Laura Ravaioli**, mas que por problemas técnicos, não pôde assumir sua fala no horário previamente combinado, deixando sua participação para um pouco mais tarde.

Alexis Kalogerakis assume uma fala contratransferencial, afetiva, expondo sua experiência emocional ao dizer que se sentia, no presente evento, como um adolescente convidado para uma festa popular.

Começa a contar uma história, espontaneamente. Fala de uma situação que ocorrera antes da pandemia, em que o próprio Alexis estava em seu consultório, enquanto aguardava um representante da Grécia das Nações Unidas para conversarem sobre o desenvolvimento, o tráfico de pessoas e as crises migratórias no Oriente Médio e na Europa.

Recorda-se de que, pouco antes da reunião, estava em seu consultório, no chão, brincando, tentando estabelecer uma comunicação com uma criança e que – na realidade - não era um especialista nesse campo. Então ele se questiona: como fazer essa transição do modelo clínico para o mundo em geral? Qual é o ponto importante para as Nações Unidas e para o público em geral? Com o que nós podemos contribuir?

Alexis parece apostar na compreensão da mente, com ênfase ao desenvolvimento psicológico, além de demonstrar preocupação com a violência, com o uso de armas e como isso afeta as crianças.

Alexis encerra e **Laura Ravaioli** inicia sua participação. Os expositores seguem em ritmo intenso, levantando questões relevantes, esquentando o clima da sala e capturando a atenção dos que ali estão.

(Muitas questões são colocadas no chat como veremos mais adiante)

Laura inicia sua fala dizendo que a saúde mental e o bem-estar psicológico são pouco compreendidos pela comunidade. Na seqüência, enfatiza o desafio que temos em tentar passar o que se aprende em grupos menores para os grupos maiores. Como aplicar a dinâmica individual aos grandes grupos? Como aplicar o que já nós sabemos a outras culturas?

Laura nos indica um caminho que lhe parece possível: a facilitação da comunicação e o reconhecimento da complexidade.

Yolanda Campbell começa seu comentário dizendo que (se pergunta) se não seria necessário procurar indicadores que servissem para nortear os direitos humanos a partir da clínica. Fala da importância de encontrarmos ferramentas adequadas para aquilo que cada um entende sobre os seus direitos humanos e os dos outros.

Yolanda diz que o modo como cada um compreende os direitos humanos se faz a partir de cada cultura local, que não tem como existir – portanto – um consenso geral, internacional. Esquenta

o clima apontando a forma equivocada da ONU pensar essa questão, como se pudesse existir uma padronização internacional.

Para Yolanda, o psicanalista que se encarrega do sujeito social amplia algumas hipóteses já colocadas por Freud. Ampliar os dispositivos equivaleria, então, a ocupar espaços múltiplos, respeitando o alheio, o estrangeiro e o direito de existir.

CHAT. Perguntas y comentarios

Ricardo Carlino

Bom dia a todos. Sinto-me honrado por a FEPAL, CAPSA e APdeBA terem incluído este Webinar em suas atividades. É muito importante que os analistas entrem no assunto. Os "direitos humanos" devem estar na vanguarda de nossos interesses e compreensão como analistas. Eu parabeno os organizadores.

Mónica Santolalla (11h40)

Pergunta para Paola: Esse exercício permanente de que você fala nos leva a rever as instâncias psíquicas propostas por Freud? Que lugar você dá à divisão subjetiva nesses exercícios?

Maria Cristina Fulco (11h43)

O que você acha do compromisso de cada sociedade psicanalítica de se manifestar por meio da imprensa oral e escrita diante dos ataques aos direitos humanos em seus países e no mundo (sem ignorar o que foi expresso pelo subcomitê da IPA na ONU)?

Ricardo Carlino (11h44)

Os preconceitos (pré-julgamentos) funcionam como um obstáculo para o livre desenvolvimento do pensamento. Eles operam como "pedras" imutáveis que impedem a transformação do que foi pensado anteriormente. Eles coagulam o que já foi pensado, impedindo o novo entendimento que o ato de "pensar" produz.

Eva Rotenberg (11h47)

Parabeno os palestrantes, Alexei pergunta como podemos contribuir com a psicanálise?

Eu continuo: por que você acha que há tanta resistência na IPA para incluir extensões do enquadramento, como fazemos com a Psicanálise Multifamiliar e outros enquadramentos de grupo, para abordar o sofrimento sem representação verbal, a inclusão social e as catástrofes sociais? Acredito que se não ampliarmos o quadro, o ouro puro da psicanálise permanecerá como ouro para poucos privilegiados.

Natalia Mudarra (11h54)

Gostaria que pudéssemos pensar um pouco sobre o apoio que a psicanálise poderia dar aos povos nativos de nossa América Latina, que são ainda mais invisíveis do que outras comunidades vulneráveis que atualmente têm mais presença nas instituições que gerenciam recursos e políticas de direitos humanos.

Mônica Santolalla (11h56)

Pergunta para Laura: como trabalhar a extensão da reflexão psicanalítica com os efeitos incontroláveis e muitas vezes opostos aos desejados/queridos?

Marta Muller Stumpf (11h56)

E a inclusão que Natalia Mudarra disse que as pessoas com deficiência também são tão invisíveis.

Monica Santolalla (12h01)

Pergunta para todos: qual é o lugar das ideologias?

Maria Pia Costa (12h03)

Historicamente, aqueles que violam os direitos humanos tendem a ser os detentores do poder, seja em nível macro ou em ambientes particulares, mesmo os mais íntimos. Isso é uma distorção (perversão?) do axioma fundamental de que são os pais, os mais velhos, a autoridade, que devem proteger a criança, o vulnerável às massas. Essa distorção do postulado básico gera uma confusão que leva a situações como a que Alexis descreve: pais fornecendo uma mochila à prova de balas para o jovem estudante. Fico chocado quando ouço pais aconselhando seus filhos a evitar pedir ajuda a um policial quando enfrentam uma dificuldade, porque o policial é mais perigoso do que o problema em questão. A solidão e o desamparo se multiplicam quando não se pode confiar na autoridade. Os maus-tratos são, então, duplos.

Monica Santolalla (12h04)

Excelente Yolanda Gampel!!! Expandir o dispositivo toda uma proposta de trabalho a frente coletando as experiências já realizadas.

[Voltar ao ÍNDICE](#)

Natalia Mudarra (APAP – Associação Panamenha de Psicanálise)

Yolanda menciona os **indicadores para falar sobre direitos humanos na vida cotidiana e em nossas práticas clínicas**. Ela pergunta sobre nossos direitos humanos e os dos outros. De acordo com suas palavras, há um mau uso das diferenças. Sua intervenção foi em um tom caloroso, embora suas palavras correspondessem a um discurso de confronto diante dos olhares e das exposições dos participantes anteriores.

Enquanto ela intervém, observo o bate-papo e surgem perguntas sobre povos indígenas e pessoas com deficiências físicas, os chamados deficientes. Enquanto isso, Yolanda explica que **temos que começar pensando e fazendo políticas locais, cada um de nós com suas respectivas idiossincrasias, e depois pensar em como podemos abraçar os espaços internacionais**. Ela fala sobre o que implica o direito de existir e como isso é pouco considerado. Também enfatiza que é possível trabalhar psicanaliticamente na vida social e comunitária em cada um dos processos de intervenção, com a condição de respeitar o estrangeiro e o estrangeiro.

Em seguida, **Romulo Mutemba**, doutor em Psicologia da República de Moçambique, foi apresentado. Ele falou sobre a pobreza na região e em seu país. Foi um discurso que tocou

muitos dos participantes e dos organizadores da atividade. Estamos ansiosos para ouvi-lo por mais tempo.

Em nosso chat no whatsapp do Grupo Psicanalistas na Comunidade, uma reação de apoio à situação que o palestrante estava nos mostrando começou a ser gerada quase que imediatamente. Foi uma intervenção que conseguiu atingir nossa sensibilidade e chamou nossa atenção.

Enquanto isso, no chat do zoom, surgiram perguntas e comentários sobre o uso perverso do poder em algumas instituições que lidam com direitos humanos.

Mutemba entende a psicanálise como uma ferramenta importante para pensar o humano, como um provedor de cuidados primários de saúde. Ele comenta que há um grande dilema. Em seu país, não há uma rede para se comunicar com os destinatários políticos, nem há uma oportunidade de treinar pessoas para o trabalho de saúde comunitária. Ele diz que em seu país há 30 milhões de habitantes, 200 psicólogos e 30 psicanalistas. Ele enfatiza como é difícil falar sobre direitos humanos quando os princípios básicos não estão presentes.

Em seguida, é apresentado **Anton Glasnovic**, da Croácia, que nos diz que "para falar sobre comunidade, é preciso entender a comunidade. A psicanálise se afastou de suas raízes e parece que, com os avanços da medicina e da neurologia, agora estamos voltando a elas, à compreensão das condições materiais da mente". Suas palavras foram lentas, mas vigorosas, e ele conseguiu captar a atenção da plateia ao enfatizar que a psicanálise tem se afastado do objeto de estudo e se concentrado mais no pensamento e no meta-pensamento.

Ele explica que "temos nos distanciado da realidade do que acontece nas comunidades. Gostamos de pensar que não fazemos parte dela, mas que a sociedade ou as pessoas são nosso objeto de estudo". Ele enfatiza que temos que voltar para as pessoas.

Ele critica as Nações Unidas, que estavam presentes na situação da antiga Iugoslávia, mas fizeram o que as pessoas precisavam e esperavam. Nesse ponto, houve certa tensão entre os palestrantes que participam de espaços com a ONU. A maneira como eles afirmaram isso não foi para gerar polêmica, mas apenas para tornar visível uma experiência que colocaria em dúvida as práticas da ONU.

Para encerrar esse espaço, Marita Cayupán, representante do Departamento de Comunidade e Cultura da FEPAL, falou.

No chat, foram feitos comentários sobre o fato de que os psicanalistas também são cidadãos, mas que não vivemos assim. Nesse sentido, a idéia de Glasnovic continua.

Cayupán falou sobre o preconceito, dizendo que ele arruína a qualidade da vida humana. Ele deu um exemplo: "no meu país sou marrom, mas no México sou branco".

Ela falou sobre o chauvinismo, que pode impedir que as pessoas entendam o luto de outras comunidades. Ela lembra que, após a colonização na América, houve muita migração, mas que parece que esquecemos esse fenômeno.

Ela evoca a frase de um autor: "O homem contempla seu ambiente natural e aprende".

No chat, comentam que a psicanálise deve ser aplicada e não apenas envolvida com a comunidade. Começam as rodadas de perguntas.

[Voltar ao ÍNDICE](#)

Carolina Gioacchini (APC - Associação Psicanalítica Colombiana)

Paola Amendoeira pediu a palavra, referindo-se à revisão da psicanálise das instâncias do ego e do superego de Freud. Ela disse: "Eu acho que a teoria psicanalítica, sem dúvida, precisa de uma revisão, especialmente o que Marita estava nos chamando, o que Marita disse, sobre a cultura da colonização. Mas isso foi em seu tempo histórico e ele pode trazer, ele pode desenvolver um pensamento científico revolucionário que todos nós estamos adotando. Mas é preciso rever isso, por exemplo, em relação aos preconceitos, à obra freudiana, o sujeito no que se refere à ideia de desenvolvimento, tem uma ideia do civilizado e do primitivo, como a linearidade do desenvolvimento em que todo mundo vai caminhar e chegar a um ponto civilizado. Sabemos que o desenvolvimento não é assim, por causa da experiência que temos.

Nós vamos, voltamos, estamos revisitando isso na psicanálise, isso está muito presente hoje em nossas intervenções.

A visão de Freud, ele era uma pessoa de mente aberta, naquela época ele estava divulgando em nome da diversidade, que hoje nós falamos e chamamos de diversidade de gênero, tem um texto claro sobre isso. Ele também chamou a atenção para a importância de as mulheres serem treinadas como psicanalistas para poderem contribuir a partir de sua experiência do Édipo feminino. Por outro lado, há dificuldades em todos nós, temos um ponto cego, não podíamos contar com tantas análises como podemos contar hoje, ele não podia fazer isso em sua época. Em termos de teoria psicanalítica há muito a ser revisto, a ser melhorado, por exemplo, a questão dos indígenas, eles representam... Como podemos chegar até eles, temos muito a aprender, quero que meus colegas possam falar, por exemplo, sobre a questão dos indígenas, temos muito a aprender com eles. Nós temos muito a aprender com os nossos pacientes, com cada paciente, muito a aprender com aquilo que a gente vive para que a gente consiga manter essa disposição de conhecer o outro, de aprender com ele, com certeza a gente só vai conseguir ter acesso a ele, ao nosso conhecimento, se a gente conseguir manter essa disposição de aprender com o outro".

Paola encerra sua intervenção dizendo que "eu poderia falar sobre a ONU, mas vou deixar que os outros continuem falando".

Mona Sargam Jain intervém: "Obrigada. Para dar continuidade à ideia da Paola sobre colonização cultural... É muito importante. Nosso trabalho no comitê com as Nações Unidas, nós também da ONU criticamos as Nações Unidas, por exemplo, as medidas de contabilidade nacional que eles adotaram e são usadas, as medidas do PIB, são formas de colonização que forçaram todos os países a adotar uma medida padrão como a produtividade e atribuir valor a ela. Estamos levando todos a medir com um valor antigo, todos igualmente, para atribuir um valor.

"Em nosso trabalho, não falamos apenas sobre direitos humanos; também analisamos. Há um viés nas Nações Unidas, estamos cientes das falhas das Nações Unidas.

"Por força da paz, abusos foram cometidos e eles relatam ao Conselho de Segurança da ONU, certamente eles sabem disso. É muito primitivo o que acontece na ONU, ela tem uma função, é como se os inimigos pudessem conversar entre si, sem se matarem; ela está tentando fazer com que as pessoas possam conversar entre si de uma forma básica, conversar entre si sem se matarem, é triste, mas é assim que as coisas são.

"Como seres humanos, não sei o quanto evoluímos. Se esse é o objetivo, você tem que apoiá-los. É isso que eu queria dizer.

Em seguida, **Marita Cayupán** comenta sobre o que Rômulo mencionou, sobre como lidar com o que é tão desconhecido, as diferenças entre as raças.

A colonização também está em jogo, a colonização nos permite conhecer.

"Há fatos da cultura atual, o ataque às mulheres, o desprestígio vem justamente da mão dos primeiros colonizadores. Os colonizadores amputaram as mulheres indianas, como se quisessem deixar a marca de que elas haviam sido estupradas. Quero esclarecer que venho de uma família indígena, não gosto de dizer povos nativos, gosto de dizer indígenas, porque foi assim que o outro continente os nomeou, não é um insulto, é uma nomeação.

"Isso deixou rastros na América. Deixou rastros que causam crises.

Sistema de poder "patriarcal" por causa do sistema de poder, por isso é chamado de patriarcal, pois subjugava.

"A defesa do feminismo contra o feminicídio é uma metáfora contra todas essas minorias vulneráveis, tem muito a ver com a colônia, há escolas americanas como Silvia Mati, ela também chamou Bleger e Klein, que estudaram as diferentes escolas, estudaram a composição psíquica ou metapsicológica, onde o terceiro não é a mãe e o pai, é aquele outro distinto, o ambiente.

"Há mais a ser esclarecido, mas eu também gosto de ouvir."

Tenho a sensação de que estamos dominados por uma ansiedade para ouvir, os palestrantes e comentaristas querem falar e dar seu ponto de vista, mas todos eles enfatizam que QUEREM OUVIR. Acho muito valioso ouvirmos uns aos outros de diferentes culturas, diferentes pontos de vista, diferentes maneiras de ver e perceber o sofrimento humano, com algo em comum que nos une, que é a PSICOANÁLISE.

Yolanda Gampel intervém, dizendo: "Acho que essa reunião é excelente, extraordinária, pois não apenas reuniram as sociedades e os países que têm sociedades psicanalíticas bem estabelecidas, bem organizadas, que têm muitas pessoas que podem trabalhar e pensar juntas, mas também trouxeram alguém de Moçambique, que não tem ninguém com quem trabalhar. E ele não tem como fazer todas as coisas que quer fazer, o que mostra, de certa forma, o quanto ele está desesperado e como podemos ajudá-los em outros lugares.

"O mesmo alguém da Croácia, da antiga Iugoslávia, havia uma sociedade psicanalítica fabulosa, quando a guerra começou em 1992, todo o desastre, havia vários analistas que foram trazidos de Israel porque estávamos ajudando-os a ver como poderiam sair, também fomos trabalhar na Iugoslávia depois da guerra. Acho que agora eles estão pedindo ajuda de um tipo diferente. Essa reunião é importante. É importante que alguém de todo esse grupo tome nota.

"Como podemos pensar em lugares onde não há ninguém com quem trabalhar, onde podemos nos aproximar, dar uma ideia e trabalhar, e não em sociedades onde somos muito bem organizados? Dar uma ideia e trabalhar.

A idéia de redes me vem à mente, institucionais, comunitárias, como as redes fortalecem e ajudam se forem mantidas para esses fins.

"Freud, por exemplo, quando falou com Einstein, 'Por que a guerra? Houve um momento na conversa em que Freud disse: Eu trabalho em meu escritório, não sei o que acontece lá fora, deixo isso para todos aqueles que trabalham com a sociedade. Acho que a força da psicanálise é que ela destaca a incerteza da vida. O que Freud sabia e nos ensinou, temos que usar na incerteza e na perplexidade que a vida nos traz, agora ela nos traz outras coisas, outros pensamentos."

É a vez de **Laura Ravaioli** falar: "Muito obrigada. Vejo que há muitas perguntas, possivelmente relacionadas à segunda parte, as pessoas estão interessadas em instituições. Eu queria perguntar algo: como pensamos sobre as sociedades psicanalíticas, como falamos na mídia, como assumimos posições políticas?"

"Quero compartilhar minha ideia de que, em minha opinião, as sociedades têm o direito de se colocar nessa posição e compartilhar com seus membros, provavelmente por terem mais conhecimento de seu país, mas, dessa forma, as ideias psicanalíticas nos ensinam também a lembrar da complexidade e a assumir uma terceira posição nisso; é por isso que isso é importante, em relação à IPA.

"Por meio do IPA, podemos confrontar opiniões, fazer trocas, por exemplo. Em minhas questões institucionais, muitas vezes pedimos um consultor externo, que não venha de dentro da instituição; para questões importantes, é bom ter uma terceira parte. Para não nos perdermos em nosso ponto de vista psicanalítico, precisamos manter essas coisas que muitas vezes são ambivalentes. Acho que podemos falar sobre isso mais tarde, quando falarmos sobre instituições.

"A importância da crítica... é importante criticar as instituições, as Nações Unidas, e ser crítico no IPA também, porque é uma maneira de melhorar, de aprender com nossos erros. Quando comecei a trabalhar nos cursos introdutórios, era uma forma de aprender que as Nações Unidas não haviam cumprido a tarefa para a qual haviam sido criadas. É preciso ter isso em mente, lembrar disso. Há muitas questões burocráticas a serem cumpridas, o que atrasa as boas intenções de fazer as coisas, temos que nos lembrar disso.

"Infelizmente, não temos outro lugar para reunir o governo e as ONGs. Onde podemos reunir governo e ONGs. Precisamos desse lugar, mesmo que não seja o lugar perfeito para o diálogo, e mesmo que haja muito trabalho a ser feito, acho que a IPA pode ajudar a ONU a melhorar também.

[A visão esperançosa e positiva que nos incentiva a confiar e seguir em frente, a pensar que é possível, que de alguma forma as instituições estão lá e tornam isso possível se pudermos ver dessa forma.](#)

Mona Jain agradece e aborda a questão do preconceito: "Os Estados Unidos são um lugar diversificado, multicultural, embora seja um lugar muito segregado. Sou filha de imigrantes da Índia, meus pais vieram da Índia.

"Cresci em um ambiente com pessoas brancas; era difícil ver como as pessoas da Índia eram vistas. Éramos consideradas cultas, mas não podíamos participar de conversas, especialmente como mulheres. Essa foi minha experiência.

"Quero falar sobre isso como analista. Sou membro do corpo docente, geramos um comitê para diversidade, pertencimento e igualdade, e ninguém quer falar sobre raça e a experiência de dominação do norte pelo sul. É difícil... Resta a pessoas de cor, como eu e meus colegas afro-americanos, trazer essa questão à tona. Somos pessoas que são consideradas invisíveis. Não quero levantar essa questão para a discussão de todos.

"A análise não deve ignorar o ambiente externo. Anton, acho que somos uma função do mundo material. Deveríamos estar imersos nesse mundo. Estamos negligenciando a pessoa e as pessoas marginalizadas. Não temos consciência dessa realidade."

[Observo como, por trás de cada analista, há também aspectos de dor, sofrimento, análise, processamento, mas que, de alguma forma, fazem de nós o que somos.](#)

Dionela Toniolo

Boa tarde, da área de português temos muitos elogios e algumas perguntas...

- Como o preconceito impede a capacidade de pensar das pessoas?
- Como pensar sobre a questão do preconceito na inviabilidade de certas comunidades vulneráveis por não gerenciarem recursos para si mesmos?
- Como são considerados os direitos humanos das pessoas com deficiência?
- Outros possíveis preconceitos, pessoas com deficiência, palestinos, na Faixa de Gaza, se eles são considerados sujeitos que estão sujeitos a preconceito.
- Qual é o compromisso dos institutos psicanalíticos com a transmissão desse conhecimento? Nos países de que estamos falando
- Qual é a dificuldade de os psicanalistas entrarem nas comunidades se, antes de sermos psicanalistas, somos cidadãos?
- Como pensar as instâncias psíquicas do inconsciente e do consciente nas esferas sociais?
- Qual é o lugar das ideologias nos direitos humanos?

Marita diz que não entende as perguntas, então elas são repetidas.

Espero que isso fique mais claro

Marita Cayupán interveio, dizendo: "Eu estava pensando sobre a influência da política e dos sistemas de poder, por causa do que nossa colega Dionela disse.

"O sistema significa que as mulheres no sistema moderno, na política moderna, até recentemente, até alguns anos atrás, cuidavam das crianças e limpavam as roupas de seus maridos que iam trabalhar. Para o empresário que tem sua fábrica, ele não leva em conta que esse homem está limpo e que seus filhos são cuidados por uma mulher, isso é uma forma de escravidão do ponto de vista da mulher, desconsiderada pelo sistema sociopolítico, isso seria uma forma de escravidão.

[Penso em como isso mudou hoje em dia, mas você vê o trabalho duplo ou triplo das mulheres, por exemplo, na pandemia elas também tiveram que cuidar da educação dos filhos porque as escolas foram fechadas na Argentina e em outros países.](#)

Na mídia médica, como médico que trabalhou no hospital público de Buenos Aires, vemos que não há respeito, por exemplo, pela forma como uma mulher indígena quer dar à luz (estou me referindo ao que Romulo disse). Uma mulher indígena quer dar à luz com a lei da gravidade

esperando seu bebê e acompanhada por mulheres. Ela não pode dar à luz como ela viu ou como lhe foi ensinado, ela tem que dar à luz como a ciência ocidental diz.

É por ignorância, por medo? O médico se atém ao que é conhecido.

Paola Amendoeira diz: "Outra pessoa levantou a mão, então vou falar rapidamente. Quero lembrar que, quando falamos de preconceitos, há um grande debate sobre o que tende a transformar todos os preconceitos em um só. (Isabel Rauns)

"Parece-nos que quando falamos de preconceito como um só, perdemos a oportunidade de entender as características específicas que cada preconceito engendra. Ela então se refere a essas diferenças no preconceito contra a mulher, a homofilia, o racismo e tantos outros.

"É interessante porque cada tipo de preconceito também funciona de acordo com certas certezas e ansiedades preliminares.

"Você tem razão quando diz que o capacitismo é um preconceito em relação a minorias com habilidades diferentes. O preconceito também cria uma incapacidade de pensar.

"Já é isso em si, uma incapacidade de pensar. Pensar e articular elementos heterogêneos às comunicações, formas de relacionamento diferentes das nossas, se não forem nossas, são grandes mistérios para nós. É somente quando temos contato com o diferente que temos a oportunidade de nos tornarmos mais conscientes dos pontos de nossa identidade de pensamento. Quem somos nós? Quem queremos ser? Caso contrário, não teremos sucesso.

"Outro preconceito é manter a representação de uma cultura hegemônica e ela deve ser convertida em uma cultura heterohegemônica".

Ela diz que quer seguir Laura e Mona nisso, falando sobre a importância dos idiomas e do relacionamento com diferentes culturas. "Estamos sendo capazes de fazer isso no momento. Como a IPA, dentro de todas as críticas e agradecimentos por um lado, é um grande esforço, é uma das poucas e únicas organizações internacionais que tentam fazer com que todas as demandas se unam, que tentam fazer com que todas as divergências conversem. Um ponto comum (é) a psicanálise. Agora é hora de falar sobre preconceitos. Até agora não tínhamos tido tempo para falar sobre tudo isso. Agora isso bateu à nossa porta e temos que encontrar uma resposta."

Anton Glasnovic

Muito obrigado, vou ser bem breve, vou falar sobre o materialismo, que foi levantado. Quando falo sobre materialismo, penso em meus pacientes que perdem o trabalho... Como eles podem ficar bem? Eles perdem o pagamento de suas sessões.

Como posso ajudá-los se perderem seus empregos? Sim, queremos emergir na sociedade, nos envolver. Não precisamos apenas estar lá realizando nossas sessões, precisamos ser ativos na sociedade.

Se a sociedade for assim, se for capitalista, não podemos mudar nada, só podemos ser recipientes. Recipientes para eles, é isso que eu quis dizer com "postura materialista".

No momento, tenho uma paciente que perdeu o emprego. Eles não me deixam fazer sessões gratuitas... sem guerra, sem trauma, ela sofre por causa desse grande problema: é o sistema."

Ele se refere ao fato de que no sistema capitalista há um distanciamento entre as organizações: "Elas estão todas separadas umas das outras".

Penso em como é difícil dizer coisas que pensamos e que são incômodas, mas como é importante dizê-las. E não é isso que a psicanálise é: colocar luz onde há escuridão, dizer o que não é dito?

Alexis Kalogerakis

"Eu gostaria de mencionar três coisas muito importantes. Questões interculturais, quero que você saiba sobre intervenção com crianças muito pequenas."

Ele cita autores que são irreconhecíveis para mim.

Ele se refere a esses nomes aos professores que trabalham com preconceito com crianças em idade pré-escolar.

"Nas sociedades psicanalíticas, aprendemos sobre preconceito étnico: preconceito contra asiáticos, por exemplo. Temos que ter muito cuidado com as suposições que estão embutidas em vários contextos."

Ele então se refere a um documentário, *The Other Side of Immigration* (O outro lado da imigração), que "descreve uma época em que havia um problema político. Ele mostrou que as esposas de imigrantes que estavam com os estudantes de medicina, que faziam avaliações de imigrantes no hospital, tinham um contexto. Muito obrigado."

Carlos Tewel

"É um grande orgulho poder coordenar esse diálogo entre os palestrantes e comentaristas e os colegas que fizeram as perguntas que enriqueceram a atividade.

"Um grande obrigado a todos por essas atividades. As utopias estão se tornando mais reais e mais concretas, apesar do esforço que precisamos fazer para realizar as mudanças que o mundo necessita.

Uma frase que me enche de emoção e que, de alguma forma, expressa a emoção que todos nós sentimos ao participar deste importante webinar.

Patricia Arévalo (APU) interveio: "Gostaríamos de convidá-los a assistir a alguns vídeos, que foram feitos e serão transmitidos em três idiomas. No intervalo, vamos ouvir o coral da Apdeba. Pedimos que não se desconectem, que permaneçam conectados, gostaríamos que ficassem e assistissem ao que temos para mostrar. Às 13:40, vamos nos reconectar para continuar, ainda temos mais uma parte.

"Obrigado a todos vocês. Vejo vocês daqui a pouco."

Ouvir o coro... colocar um pano frio em tanta mobilização... Se a gente não parar para pensar nos direitos humanos e na violação dos direitos humanos, a gente pode ficar remoendo. Agora, quando paramos para pensar, para trocar, neste webinar, isso nos comove, nos mobiliza... pensamos no quanto ainda precisa ser feito, como estamos e como poderíamos estar. Há outros lugares iguais, piores ou melhores do que nós... Como é valiosa a troca e a sensação de que não estamos sozinhos, de que a psicanálise nos une para pensar e traçar estratégias e soluções!

Chat. Perguntas y comentarios

Gregorio Garfinkel

O que os delegados da IPA na ONU pensam sobre o que Anton Glasnovic disse sobre a inoperância da ONU?

Miguel Sayad - SBPRJ

Não entendi muito bem onde fazemos as perguntas, então tento aqui: por que na menção de preconceitos, discriminação e direitos humanos são mencionados judeus, negros, índios e LGBT+ e os palestinos e Gaza são esquecidos?

Dionela Toniolo

Sua pergunta foi anotada, Miguel. Muito obrigado

Miguel Sayad - SBPRJ

Ok. Muito obrigado

Gabriela Salazar Ilap-EC

As perguntas e comentários que não puderam ser respondidos ou mencionados na íntegra serão documentados por nosso relator para publicação futura.

Dionela Toniolo

/Os participantes que desejarem fazer perguntas devem fazê-lo por meio do chat. As perguntas serão agrupadas por tópico e transmitidas aos palestrantes após a apresentação dos comentaristas. As perguntas restantes serão documentadas por nossos relatores para publicação futura.

Ney Marinho no All 12:38

Na luta contra o preconceito e o racismo, você não acha que um dos meios mais eficazes seria a CONVIVÊNCIA? Por exemplo, no nosso encontro só vi dois negros (Wania e Rômulo) e nenhum indígena (embora existam muitos na América Latina). Lembrem-se de Isabel Mansione: uma convivência igualitária. Grande encontro. Ney Marinho (Brasil).

Marta Müller Stumpf a Todos 12:40

E os analistas e pessoas com deficiência, onde estão entre nós? Há algum aqui? A maior e mais invisível minoria do mundo.

Ney Marinho a Todos 12:40

Nessa linha de convivência: abrir mais Centros aliados uns aos outros, como diz Yolanda Gampel.

Eva Bosoer para Todos 12:41

Obrigada, Yolanda! Sempre tão lúcida.

Miguel Sayad - SBPRJ a Todos 12:46

Paola e Laura: em 2006 a IPA esteve presente na plenária da ONU com o tema "Prevenindo a transmissão do ódio, da guerra e da violência"; em 2007 o congresso de Berlim teve como tema "Lembrando, repetindo e elaborando na clínica e na cultura". Em uma reunião do comitê da IPA/ONU em Nova York, foi organizado um contato direto entre a psicanálise e os direitos humanos com jovens da Faixa de Gaza. O tema principal do trabalho do comitê da IPA foi "Desaprendendo a intolerância". As questões da Palestina e de Gaza foram temas frequentes nos problemas de preservação dos direitos humanos na Palestina.

Rene Epstein at All 12:47

Acabei de encontrar uma maneira de abrir o chat. Acho que a psicanálise deveria aprofundar a importância ou a estrutura da ideologia na constituição das pessoas, na qualidade de suas representações.

Miguel Sayad - SBPRJ at Everyone 12:49

As palavras "Gaza" e "Palestina" parecem estar sendo eliminadas das discussões sobre direitos humanos e psicanálise no mundo psicanalítico. O que você pode dizer sobre isso? Nesse sentido, o IJP 2010, edição 21, sobre Jerusalém e a Sociedade Psicanalítica Israelense é muito interessante.

Marta Müller Stumpf at All 12:49

Deficiência também

Ney para Todos 12:49

E a convivência, Dionela?

Dionela Toniolo para Todos 12:51

As perguntas estão compiladas porque o tempo é limitado, e lembro que as perguntas que não forem respondidas aqui serão usadas como reflexões para um relatório futuro. Obrigado.

Gabriela Salazar Ilap-EC para Todos 12:52

O que vocês acham do compromisso de cada sociedade psicanalítica de se manifestar por meio da imprensa oral e escrita contra os ataques aos direitos humanos em seus países e no mundo? Esta pergunta foi feita por Cristina Fulco, do Uruguai.

Isabel Mansione APdeBA Argentina a Todos 12:52

Que perguntas legais! Sempre haverá um pouco de frustração, mas isso será a causa de novos encontros e novas metodologias de encontros.

Gabriela Salazar Ilap-EC a Todos 12:54

- Pergunta para Paola (foi respondida): esse exercício permanente de que você está falando nos leva a rever as instâncias psíquicas propostas por Freud? Que lugar você dá à divisão subjetiva nesses exercícios? Pergunta feita por Mônica Santolalla, da Argentina

- Preocupações com relação a estes aspectos:

a) Qual é o lugar das ideologias/ como a psicanálise pode contribuir para os diferentes problemas?

b) Quais poderiam ser as resistências para ampliar o enquadramento - por exemplo, a psicanálise?

Multifamiliar?

c) Psicanálise e Inter-relação com povos nativos, sempre respeitando as particularidades culturais.

Miguel Sayad - SBPRJ at All 12:53

Mona, o sul não é simplesmente uma região geográfica, mas o norte e o sul podem ser caracterizados como regiões de epistemologias distintas, independentemente de sua localização geográfica.

Mona Jain, IPA/ONU, APsaA, EUA 12:56

Obrigada, Miguel. Sim, ESTÁ MUITO CLARO PARA MIM QUE O SUL GLOBAL não é monolítico. Eu uso os termos para me referir à realidade de que o sistema hegemônico atual surgiu das culturas geograficamente baseadas no Norte.

Gabriela Salazar Ilap-EC at Everyone 12:59

Luciano, devemos aguardar o próximo bloco. Desculpe-me.

Obrigado, Anton. Nossa última intervenção vem com Alexi.

Miguel Sayad - SBPRJ a Todos 13:00

Paola, talvez o preconceito seja um estímulo e sirva para desvelar as palavras que o sustentam, para revelar a ausência de palavras que sustenta o preconceito. Assemelha-se à mesma estrutura (lingüística?) do fetichismo.

Ney para Todos 13:03

Paola, chamou a atenção para o aspecto de "mão dupla" do trabalho com a comunidade: nós APRENDEMOS, não é catequese.

Gabriela Salazar Ilap-EC para Todos 13:03

Agradecemos a todos por sua presença, comentários e perguntas.

O webinar continua em nosso segundo bloco.

Tenham certeza de que todos os comentários serão documentados e agradecemos muito aos nossos 4 relatores por este espaço.

Miguel Sayad - SBPRJ a Todos 13:05

Veja a reportagem de capa do New York Times de 2021 sobre crianças muito pequenas. Também vale a pena conhecer o documentário de Nina Shosshani "Der Yassin" apresentado no DOC LISBOA² e o livro de Lina Meruane, "Becoming Palestine".

Denise Lahude a Todos 13:13

Muito grata a todos os participantes, sucesso total!

Oscar Ouviaña a Todos 13:14

Muito obrigado.

Miguel Sayad - SBPRJ a Todos 13:15

Elie Wiesel: "Tenho tanto para manter em silêncio, e procuro por palavras. Elas se escondem, fogem de mim, por que você não tenta capturá-las para mim? Você me deu tanto... ofereça-me também as palavras de que preciso para amar, para entender, para me abrir à serenidade...".

Enquanto isso, Madeleine Albright - Relações Exteriores durante a presidência de Clinton, se não me engano: a CBS News pergunta: "Você acha que valeu a pena?"

[Voltar ao ÍNDICE](#)

ESPAÇO DA TARDE

² Festival Internacional de Cinema de Lisboa

Treinamento psicanalítico e direitos humanos em nossas instituições

Andrea Poyastro SPPA (Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre)

O espaço que me foi designado foi exatamente aquele após o intervalo do almoço, quando retornamos para a segunda parte da atividade. Durante o intervalo, houve uma série de vídeos culturais e musicais, alusivos ao tema do webinar, com grupos de artistas latino-americanos, que acho que tocou a todos, proporcionando um clima afetivo de esperança.

Quando retornamos, havia 140 pessoas participando do webinar, o que demonstra o interesse despertado pelo tema, e esse número de pessoas permaneceu conectado à atividade por mais duas horas.

No início desse segundo momento do webinar, *as palavras de Teresa Rocha foram fortes, segundo meu entendimento, quando ela mencionou uma sociedade atual com homens invisíveis, seres descartáveis, um colapso que atinge a todos quando o pacto civilizatório está dando sinais de dissolução.* Teresa pergunta: estamos formando psicanalistas capazes de lidar com essa realidade? Esse é um dos grandes desafios das instituições de formação, pois o excesso traumático da exclusão é um dos principais fatores de adoecimento psíquico. Para ela, a contribuição da psicanálise passa por práticas em diferentes áreas das instituições formadoras, que investem em uma agenda de fortalecimento das instituições democráticas em defesa dos direitos humanos. *Teresa foi instigante em suas palavras, parecia querer instigar a plateia a debater com suas reflexões, apesar de todo o grupo estar em silêncio, bastante atento (ao que me pareceu) às intervenções dos moderadores e palestrantes.*

Após Eliane Marcellino explicar a dinâmica do webinar, os palestrantes iniciaram suas breves intervenções de sete minutos.

Paola Amendoeira falou sobre o trabalho da subcomissão do IPA na ONU e citou Marcelo Viñar: "Falamos de direitos humanos quando os direitos humanos são violados". Ele pergunta: de que perspectiva falamos e praticamos, e podemos fazer uma contribuição? Ressalta a importância de os analistas em formação desenvolverem o pensamento crítico e reflexivo, sendo o quarto eixo da formação o compromisso institucional dos candidatos. E qual seria o quinto eixo? É o psicanalista comprometido com a cultura e atuante nas questões sociais.

O que consegui captar como clima emocional foi o silêncio atento e respeitoso do grupo. Essa ideia do quinto eixo me pareceu original, necessária e bastante revolucionária em algumas instituições psicanalíticas.

Paola continuou destacando o psicanalista como um ator social. Os psicanalistas sempre trabalharam para reforçar sua identidade como psicanalistas, mas chegou o momento de devolver algo à sociedade, abordando situações de vulnerabilidade social. Que posição as sociedades têm adotado em relação aos direitos humanos? A essa pergunta, ele responde: "É necessária uma reflexão institucional, como a adoção de uma atitude que defenda e promova os direitos humanos". Ela cita os exemplos da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPPA), com bolsas de formação psicanalítica já em funcionamento. Para Paola, isso muda a instituição e traz lutas, tensões, uma verdadeira tempestade emocional, segundo Bion. A fala de Paola foi muito instigante e

emocionante e, nesse momento, Eliane teve que interrompê-la, pois seu tempo já havia se esgotado.

Mona Sargam Jain (EUA) fez uma breve intervenção, referindo-se à psicanálise como uma ponte entre o indivíduo e as teorias. Ela relatou sua experiência com pessoas em situação de rua quando trabalhava como psiquiatra, que essa população recebia dinheiro como ajuda, mas não tinha apoio emocional no sentido de um espaço para reflexão sobre suas necessidades. Ela enfatizou a função mentalizadora das instituições, que deve ser lembrada quando se trabalha com pessoas, seres humanos em vulnerabilidade social. Mona falou por menos tempo do que o previsto e disse que contribuiria mais quando houvesse um debate.

[Continuo a destacar o silêncio atento e respeitoso do grupo no início da segunda atividade, quando os palestrantes relataram suas contribuições para a questão desse espaço.](#)

Laura Ravaioli (IT) citou Stefano Bolognini ao falar sobre a capacidade do psicanalista de trabalhar em equipe em ambientes comunitários, que devem lutar contra a violação dos direitos humanos. Comentou também sobre a necessidade de os psicanalistas estarem sempre atentos à realidade e ao contexto onde estão inseridos como grupo e trabalhando. Citou como exemplo a homossexualidade, que já foi motivo de rejeição de candidatos à formação. As minorias estão sub-representadas nas sociedades psicanalíticas, e também reforçou a necessidade de acesso a bolsas de formação.

Ele também comentou sobre a guerra na Ucrânia e a ajuda da IPA para alcançar os colegas e criar espaço para a elaboração do trauma para esses psicanalistas que vivem na guerra. Ele citou Hanna Segal - "o silêncio é o verdadeiro crime" - para apontar a necessidade de quebrar o silêncio, de dialogar com colegas ucranianos e russos e a capacidade de manter a complexidade no exame dessas questões.

Alexander Kalogerakis (EUA) falou sobre a responsabilidade das nações em relação ao aquecimento global, que tem uma interface com os direitos humanos. Ele falou sobre um curso em seu instituto que discute ideias psicanalíticas sobre o envolvimento humano com o meio ambiente. Foi uma palestra em que o professor tentou fornecer ao grupo presente exemplos de como a psicanálise pode se envolver mais em ações sociais e comunitárias. Em 2017, ele participou do lançamento de um livro chamado *The Status Of Women: Violence, Identity and Activism*, editado por uma colega chamada Vivian Pender. Houve um evento em sua instituição com professores e convidados, como um momento em que os direitos humanos entraram na instituição e foram discutidos. A morte de George Floyd em 2020 criou uma revolução institucional interna que levou a novos cursos sobre diversidade, com a introdução de tópicos e leituras além da literatura psicanalítica nos cursos de treinamento. Foi criado um comitê de diversidade racial, bem como grupos de estudo sobre direitos humanos, diversidade e populações minoritárias. Por fim, ele observou que o American Board of Psychoanalysis incluiu a diversidade racial e as questões de gênero entre as competências psicanalíticas de um candidato.

Seguiram-se as intervenções dos comentaristas. **Rose Marie Nassif**, do **Líbano**, questionou sobre as responsabilidades civis e sociais dos psicanalistas com base no exemplo do Líbano, com trauma coletivo e violação dos direitos humanos desde a revolução de outubro de 2019, com

colapso econômico, falta de combustível, medicamentos e outros produtos de saúde. Em outubro de 2020, com a explosão da área portuária, muitas clínicas e consultórios foram danificados. A pandemia de 2020 chegou e os traumas anteriores ressurgiram com esses novos traumas. A psicanálise foi obstruída pelos conflitos da guerra que prevalecia. O que acontece com o treinamento de candidatos em tempos de guerra? A primeira sociedade psicanalítica árabe foi fundada em 1980. Foi necessário um grande esforço coletivo para manter a sociedade nesses períodos, que os membros mais jovens puderam acompanhar e retomar seu treinamento com o apoio de seus colegas mais experientes.

Marta Skelin, do Grupo Sofia, da Croácia - ela falou em espanhol para demonstrar seu apreço e sua participação como convidada neste grupo - levantou várias questões.

"Como podemos retribuir à sociedade como psicanalistas?" Ela falou da necessidade de fortalecer a posição da psicanálise na sociedade, que os psicanalistas não devem permanecer em silêncio, precisam se posicionar diante dos acontecimentos.

"Temos liberdade interna para falar sobre direitos humanos em nossas sociedades?" Comentou até que ponto a pandemia de covid-19 expôs as divisões internas - alguns a favor da reclusão, outros não, a posição paranoica esquizoide em muitos níveis e também dentro da sociedade psicanalítica.

"Como podemos ser continentes em nossa sociedade? Não podemos ajudar a todos, mas podemos tentar ser bons o suficiente para estar perto de algumas pessoas.

Como foi mais uma vez a vez de cada palestrante e moderador falar, sem interação direta com perguntas, o que pude perceber como o clima emocional da atividade foi o que me pareceu um interesse genuíno por parte de todos. O grupo como um todo estava bastante imbuído da ideia de ouvir com atenção, empatia e reflexão, mas também de confrontar o status quo.

[Voltar ao ÍNDICE](#)

Camila Gastelumendi SPP

Alexander conta que nos Estados Unidos, em 2020, um homem negro foi morto pela polícia por roubo. Isso criou um grande movimento de revolução interna no país e também na psicanálise.

Em seu instituto, muitos candidatos sabem mais do que os professores sobre esses tópicos e isso permite que todos aprendam com todos. Eles também organizaram pequenos grupos de estudo que se reúnem mensalmente para ler e aprender sobre esses assuntos, o que lhes permite abrir os olhos e enriquecer seus conhecimentos. [Ele conta isso com grande entusiasmo, orgulho e vontade de compartilhar, dizendo que se sente como um adolescente nessa reunião.](#)

Ele comenta que, para se candidatar ao Conselho Americano de Psicanálise, as candidaturas exigem conhecimento de questões de sexualidade, gênero e diversidade para serem certificadas como psicanalistas.

É aqui que entram os comentaristas (convidados especiais de diferentes sociedades, IPA e não IPA) para falar sobre o assunto, que é o treinamento psicanalítico e os direitos humanos nos institutos.

Rose Mary (Romy) Nassif começa. Ela é da sociedade libanesa, estudante de doutorado na Universidade de Sorbonne, onde pesquisa o impacto da realidade externa nas relações entre psicoterapeuta e paciente. Ela faz seu comentário em inglês. Agradece a Andrea El Malouf (Equador) pela possibilidade de falar da França, onde teve de se refugiar, embora continue ativa na Sociedade Psicanalítica Libanesa. ([Há uma troca de olhares entre elas, com cumplicidade e afeto. Há um vínculo agradável entre esses países e continentes, tão distantes e, ao mesmo tempo, tão próximos no momento](#)).

Romy menciona a importância da psicanálise na comunidade para sair da atenção individual e ir ao encontro do coletivo.

[Nesse sentido, ele traz algumas questões que a plateia recebe com curiosidade e atenção](#): como continuar o treinamento e a transmissão da psicanálise em países onde há traumas coletivos ou crises constantes, ou em países onde tem havido constantes violações dos direitos humanos?

Ela faz um breve relato de situações graves ocorridas, [com as quais vários dos participantes demonstram certa familiaridade](#): em outubro de 2019 há um colapso socioeconômico, com escassez de alimentos, medicamentos e apoio à saúde; em agosto de 2020, em plena pandemia, parte do porto de Beirute é destruído por uma explosão, matando 217 pessoas; entre outras situações.

Também menciona a guerra civil entre 1975 e 1990, que trouxe insegurança e instabilidade política.

[A partir do meu registro, o público percebe a intensidade da gravidade que vem se acumulando naquele país ao longo de vários anos e, certamente, faz ligações com as situações críticas em seus próprios países \(no meu caso - Peru - lembrei-me do conflito armado interno entre o grupo terrorista Sendero Luminoso e as Forças Armadas, entre 1980 e 2000\)](#).

Sob essas considerações, Romy menciona um artigo escrito pelo atual presidente da Sociedade Psicanalítica Libanesa, intitulado "Guerra e prática psicanalítica", que discute alguns dos desafios de estabelecer a psicanálise em um país em guerra, dando como exemplo as dificuldades dos pacientes em chegar às suas sessões.

Ela também menciona que a Associação Libanesa para o Desenvolvimento da Psicanálise tenta transmitir a psicanálise com determinados modelos. Ele também relembra os bombardeios durante as sessões e o principal conflito - em um boom - entre ir e ter medo de ir.

Ela também traz outro texto, onde questiona o trabalho quando a estrutura psicanalítica está sujeita ao imprevisível: **o que acontece com o psicanalista e seu trabalho quando ambos estão em uma situação traumática?**

[Outra questão para se pensar, em que a ideia da psicanálise se torna a estrutura protetora da mente.](#)

Ela comenta que alguns membros da Sociedade Libanesa deixaram o país para proteger suas famílias. Ele menciona como foram valiosas as reuniões do Zoom durante a pandemia - [às quais vários participantes acenam com a cabeça, como se entendessem essa situação em primeira mão](#) - para manter a estrutura da instituição. Que o desejo de continuar e a tecnologia permitiram que a psicanálise continuasse apesar dos vários ataques. A resistência foi superada com força e a instituição psicanalítica conseguiu continuar.

[Há muito entusiasmo e alegria em Romy por poder transmitir a difícil experiência de sua instituição psicanalítica a pessoas de diferentes partes do mundo.](#)

[É uma comunicação importante para alguém que foi sequestrado em uma guerra e que teve de se mudar de um país para outro, que, graças à tecnologia, mantém contato com todos, com os colegas responsáveis pela manutenção da Sociedade Libanesa.](#)

Os comentários da **Dra. Marta Kelim** continuam. Ela é doutora em Neurociências, candidata a psicanalista, originária dos países da antiga Iugoslávia e membro do Grupo Sofia. Ela faz seu comentário em espanhol, muito animada por poder participar nesse idioma, do qual - ela nos diz - gosta muito.

[Os participantes de língua espanhola parecem estar gratos e surpresos com sua abordagem linguística.](#)

De seu lugar como candidata a psicanalista, ela traz algumas questões para reflexão: qual é a posição dos candidatos, o quanto nos empoderamos e o quanto nos submetemos às hierarquias institucionais? Ela comenta que esse lugar de submissão, de certa forma, nos permite ter empatia com as pessoas oprimidas por outras estruturas e, ciente desse lugar, sugere que devemos procurar expressar nossas opiniões e não nos calar.

Ele comenta que temos liberdade para falar sobre direitos humanos em nossa posição. Que há várias tensões que ficaram evidentes ao longo dos anos, como ser a favor ou contra a vacinação, ter medos intensos ou ter defesas que inconscientemente recorrem à negação.

Ela se pergunta quanto diálogo e conversa seriam possíveis nessa posição equivo-paranoica? Será que temos espaço mental para pensar juntos? Ela comenta que podemos dar espaço para sermos recipientes de pensamento e reflexão na sociedade da qual fazemos parte.

De certa forma, ela questiona **Mona Sargam Jain** (representante da IPA na ONU) ao dizer que não é possível ajudar a todos e esclarece: "Para mim, a psicanálise está ajudando em uma escala menor a fazer, pouco a pouco, mudanças maiores".

Ela diz que acontece que, em nosso trabalho com os pacientes, procuramos pelo menos um objeto bom na vida desses pacientes, alguém que seja uma fonte de calor e que proporcione um espaço para a mentalização e o desenvolvimento. Isso é o que também podemos oferecer a algumas pessoas na comunidade.

[Ela transmitiu suas ideias com entusiasmo e um certo desejo de subverter seu comentário, buscando inquietar e gerar reflexão.](#)

Em seguida, **Miriam Medina**, natural de Cabo Verde, um país africano formado por ilhas, tomou a palavra. Ela é cientista social e ativista e trabalha com a questão da inclusão de pessoas com deficiências físicas por meio da dança. Ela fala português.

É diretora do grupo Uma Roda. Ela disse que concorda com Paola que tudo está mais difícil e mais complicado do que antes. Ela diz que tem experiência em dar palestras e workshops em Cabo Verde, na Europa e na América Latina e que percebe que as coisas estão de fato piorando. Ela diz que há um ditado popular em seu país que diz que as crianças vêm em primeiro lugar (a coisa mais importante). No entanto, ela questiona, em seu terceiro livro, que prioridade as crianças realmente têm quando uma beba é estuprada por seu primo.

No momento, sinto que há certa desesperança na atmosfera, uma certa desilusão e tristeza.

Miriam diz que o grupo Uma Roda busca a inclusão de pessoas com deficiências físicas por meio da dança. Ela diz que o principal obstáculo que encontrou foi o preconceito das próprias famílias com relação às pessoas com deficiência. É aí que começa sua dificuldade de estar na sociedade.

As pessoas que pertencem a esse grupo de dança também devem realizar alguma outra atividade, como trabalhar ou estudar, pois, como ele diz, não se pode viver da dança e é preciso buscar independência financeira. Esse grupo já ganhou muitos prêmios e reconhecimentos. Para ela, é importante enfatizar que somos todos iguais, mas que a acessibilidade não existe da mesma forma para todos.

Algumas ações foram tomadas para promover a acessibilidade em Cabo Verde. Fábio Guimarães, primeiro-ministro, e o presidente da Câmara Municipal, sentaram-se em cadeiras de rodas para sentir como é difícil se locomover em uma cadeira de rodas na cidade.

Eliane Marcelino, que é a moderadora desse segundo espaço, abre a palavra para perguntas. Nesse momento, Maridel Cantelli lhe diz que, na verdade, é sua vez de falar e Eliane pede desculpas por esse esquecimento momentâneo.

Podemos sentir brevemente nossa humanidade nesse esquecimento, uma humanidade às vezes certa, às vezes errada, mas, nesse caso, sempre pronta para consertar e melhorar.

Maridel Cantelli continua agora. Ela foi escolhida como representante do grupo Psicanalistas na Comunidade para falar neste evento. Ela também é presidente da Sociedade Argentina de Psicanálise. Ela é grata pelo lugar que o grupo lhe concedeu e agradece a todas as intervenções anteriores.

Ela comenta que, em sua essência, a psicanálise sempre esteve interessada nos direitos humanos.

Houve uma mudança na noção de direitos humanos nos últimos tempos, e agora a noção também está sendo estendida a questões atuais, como mudança climática, cuidado com os recursos ou migração.

Maridel cita Marcelo Viñar: "É doloroso perceber que, quando falamos de direitos humanos, isso significa que eles foram violados".

Ela sugere trazer a abordagem psicanalítica para trabalhar na e com a comunidade e preservar os direitos humanos. Nem todos os membros de uma comunidade poderão se beneficiar da psicanálise, por isso a abordagem à comunidade deve ser feita a partir das instituições.

Esse webinar é um espaço em que as práticas e as conceitualizações são diferentes em diferentes grupos. Ao mesmo tempo, é uma maneira de continuar integrando essas experiências ao treinamento, por meio de workshops, seminários e cursos.

Sua intervenção produz um efeito integrador e unificador com o objetivo de tornar as intervenções no território coerentes com as necessidades reais do ambiente, sem perder de vista as considerações teóricas fundamentais da psicanálise.

[Voltar ao ÍNDICE](#)

Fernando Álvarez (IUSAM da APdeBA)

Como é de costume dos relatores, eles tomam notas 10 minutos antes de entrar na história pela qual são responsáveis. É por isso que você verá algumas intervenções repetidas, embora, neste caso, a partir do registro de Fernando.

Eliane Marcelino passa a palavra aos colaboradores ou comentaristas (convidados especiais) esquecendo a intervenção de Maridel Cantelli (Presidente da SAP), transmitindo um certo desconforto devido à sua confusão. Ele pede desculpas e passa a palavra a esta última após sua apresentação.

Maridel Cantelli se apresenta, agradecendo a seus colegas do grupo de estudo por tê-la escolhido para representá-los na reunião. Começou compartilhando suas observações, destacando o quanto achou estimulantes as questões sugeridas e apresentadas nas diferentes intervenções, entendendo que elas confirmam que o sofrimento pelo qual a humanidade está passando é compartilhado em diferentes latitudes.

Maridel se pergunta como articular os direitos humanos e a psicanálise em nossa formação. A esse respeito, ele destaca a coincidência no encontro entre os diferentes trabalhos em que a psicanálise é reconhecida como a conexão entre a memória individual e a coletiva.

Isso poderia nos levar a pensar que, na essência da própria psicanálise, o interesse pelos direitos humanos está presente desde suas origens.

Com certa intensidade, ela enfatiza que, como indivíduos, temos em nossa memória o registro do que aconteceu nas gerações anteriores, o que dificulta o registro dos acontecimentos atuais.

Hoje existem vários problemas, aponta Maridel. Citando Marceño Viñar, ela relembra uma expressão sua em que ele diz: "É doloroso falar sobre direitos humanos, porque sempre que eles são mencionados é porque algum direito foi violado". A partir do impacto de tal apreciação, ele nos transmite como seu grupo, que ele representa em seu relato, levou em conta tais questões, considerando que uma visão, ação e compreensão psicanalíticas são necessárias para se aproximar da comunidade, levantando e assumindo a realidade inevitável de que nem todos os

membros de uma comunidade poderiam ser psicanalisados. Portanto, estar presente na comunidade é uma forma de aproximar a psicanálise, de torná-la visível.

Isso destaca o valor do Webinar, considerando que a importância dessas questões no treinamento de analistas deve ser levada em conta como parte integrante do mesmo. A visão e o intercâmbio com a comunidade devem ser parte integrante da experiência de treinamento analítico.

Possivelmente refletindo uma certa necessidade de mudança e atualização, ela propõe que cada sociedade membro da FEPAL integre essas experiências, enriquecendo o treinamento dos colegas.

Situando o espírito de seu relato nos dias de hoje, ela destaca a pandemia como um exemplo de reflexão histórica, uma vez que demonstrou nossas dificuldades em entrar em áreas que estão fora de nosso domínio diário, "as instituições devem trabalhar para superar seus preconceitos, acima de tudo, seus preconceitos diante da mudança".

Concluindo seus comentários, Maridel destaca a coincidência nas apresentações de certas articulações de direitos humanos e psicanálise, integrando a violência política a realidades mais complexas. Ele nos diz que a saúde mental, como parte da vida democrática, deve ser levada em conta como um dos principais DDHs.

[Voltar ao ÍNDICE](#)

Antonio Ramirez SFM

A conferência está chegando ao fim.

Os palestrantes - apesar de terem organizado seus textos - parecem precisar de mais tempo para expressar suas ideias. De qualquer forma, os comentaristas sentem o peso do tempo; como se todo o tempo fosse pouco.

É a vez da síntese, a vez do mestre Marcelo Viñar, ilustre psicanalista uruguaio, médico e consultor, socialmente comprometido, um psicanalista de seu tempo, menciona-se a Dra. Maren Ulriksen, companheira de vida, companheira intelectual e coautora de livros e publicações.

Depois... silêncio...

Silêncio, uma palavra preciosa na psicanálise, que agora gerava uma tensão diferente, há olhares preocupados entre a equipe organizadora, podemos ver o doutor falando e gesticulando, mas não podemos ouvi-lo, "Marcelo, você está mudo", diz alguém. "Temos que ligar e encaminhar os dados para ele pelo telefone" e vemos o professor pegar seu telefone.

O silêncio reina na reunião remota.

"Vamos adiantar o programa. "Não, não é conveniente, é melhor esperar..."

Esperar, esse outro recurso do psicanalista.

"No teste, você foi bem ouvido". "Sim, é assim que acontece..."

"Olá, você está me ouvindo?", diz a voz do professor. [Somos consolados, há risos e agradecimentos.](#)

"Que vergonha!", diz Marcelo.

"O quê? Não! Isso torna nosso evento humano".

Claro, a tecnologia nos aproxima ou nos afasta. [Essa falha, essa dificuldade, estabelece o fator humano com sua angústia e sua calma, seu silêncio e sua espera.](#)

"Ser eu, resumir quatro horas em sete minutos", exclama o mestre e inicia sua mensagem.

Ele fala de Freud, trancado na bolha com seu divã; ele se refere ao psicanalista especializado, olhando para o conflito interno, se procurarmos uma definição de saúde mental, talvez aquela que afirma que é um estado transitório, o que não é um bom presságio.

Falar sobre conflito é falar sobre a qualidade do conflito, a importância do conflito social. Ele cita Meltzer, a fadiga e outras dificuldades; como a leitura freudiana considera a realidade psíquica sem minar a realidade objetiva.

A atualidade como forma de compreensão, o sofrimento psíquico, a necessidade de fundar uma psicanálise do século XXI, como um mundo em transformação nos muda, a possibilidade de esgotar os recursos do planeta, a questão de como as personalidades são construídas em um mundo cujo fim é anunciado...

[Quem são os destinatários dessa troca? Os psicanalistas que saem da bolha do consultório, da necessidade urgente de tomar um banho social, de conhecer os fatores de desigualdade, iniquidade, injustiça. Lutar contra o local, lutar contra o global.](#)

[Mas alguns minutos não são suficientes; antes que tudo seja dito, o professor manda abraços e agradecimentos aos participantes e às instituições.](#)

[A plateia sorri, o cansaço é evidente, mas também o prazer de participar desse grande Fórum.](#)

Diana Zac, [sempre entusiasmada](#), toma a palavra, agradece as palavras de Marcelo, reconhece que neste momento estamos cansados, mas felizes, na esperança de que este esforço seja uma contribuição para a comunidade psicanalítica, diante dos fenômenos que nos envolvem e nos arrebatam.

Gregorio Garfinkel pede a palavra, ela lhe é concedida, ele comenta que a questão da família não apareceu tanto nas falas dos participantes, afirma que há estudos de Garfinkel sobre a família e de García Badaraco sobre grupos multifamiliares ligados a patologias, que podem ser vistos como um micro laboratório social. Ele também agradece a ela.

Diana tomou a palavra novamente. Agradece a participação em geral, aos palestrantes, moderadores, comentaristas, mas também à equipe técnica, à equipe de tradutores, à produção do vídeo, à comissão de difusão, à CAPSA, à APdeBA, à FEPAL, ao grupo de psicanalistas da comunidade, ao grupo de relatores, que são candidatos das associações da FEPAL, que buscarão enriquecer a experiência de hoje incluindo sua subjetividade em um documento que será publicado em três idiomas.

Ela conclui afirmando: Tornando o mundo melhor.

Os participantes têm olhares de satisfação, o cansaço já nos acompanha há algum tempo, há palavras não ditas, conversas que a partir de hoje começarão, despedimo-nos do monitor e daqueles que nos olham na retícula da tela.

O tema musical Samba da utopia e "We are one", temas que nos revigoram porque de alguma forma expressam nossas ideias, com o calor que a música nos inspira, saímos da sala de zoom, talvez exaustos, talvez preocupados, mas entusiasmados e animados.

Sinto-me feliz e grato por participar desse grande projeto.

Há cenários que há algumas horas eu não poderia ter imaginado, conhecimentos que não poderiam ser conhecidos?

Um mar de desafios está se abrindo... embora os continentes estejam separados por oceanos, quilômetros de distância, sinto-me próximo dos meus colegas de outros mundos, de outras realidades...

Sei que na solidão do consultório há muitas pessoas lutando, tendo sucesso e perdendo, e sou grato por essa oportunidade.

Espaço de compartilhamento

A partir da leitura de perguntas e comentários no chat do Zoom, surgem

- Qual é o valor da experiência emocional?
- Como transformar a mentalidade ([essa pergunta se refere à comunidade ou aos próprios analistas](#)), como trabalhá-la?
- Quanto à prevenção, como trabalhar a primeira infância, incluindo esse aspecto no treinamento?

Miriam Medina responde, destacando seu lugar como socióloga, não como psicanalista. Ela traz sua abordagem a partir de seu trabalho com os bailarinos de Uma Roda, onde é possível observar como o preconceito leva as famílias a trabalharem com seus filhos com deficiência de determinadas formas. Miriam conta como observa que na cultura cabo-verdiana as crianças com deficiência são vistas como filhos do demônio, sendo isoladas e excluídas pelo resto da sociedade, inclusive pelas outras crianças. A possibilidade de as crianças e as famílias terem acesso a um psicólogo ou a diferentes locais de assistência ou apoio é muito difícil. É com certa dor que destacamos a necessidade dessas crianças de receberem ajuda profissional de nossa parte para elas e suas famílias.

[À medida que o diálogo avança, pode-se ver como os limites propostos pela estrutura da reunião são levados a seus extremos, até mesmo transgredindo-os como produto do entusiasmo e da afetividade de cada subjetividade que toma a palavra.](#)

A pergunta a seguir é dirigida a **Romy Nassif**, da ALdeP, Líbano.

Como foi ser treinado em um contexto de guerra, que dispositivos você teve?

Romy Nassif nos conta como era difícil manter o enquadramento quando as estradas estavam bloqueadas, os pacientes não podiam pagar. A dificuldade de continuar trabalhando como analistas quando a realidade tomava conta do ambiente era notória, razão pela qual muitos jovens membros deixaram o país, enquanto outros continuaram

trabalhando lá. Em sua experiência, montar uma equipe de trauma e poder trabalhar com o impacto do trauma na vida cotidiana foi fundamental para sua abordagem diária.

Andrea El Maluf, do Equador, transmite um comentário e uma pergunta de Cristina Fulco:

Há anos existe uma proposta sobre a importância de repensar e atualizar os planos de treinamento dos futuros analistas para incluir seminários com trabalhos na comunidade. O que os analistas pensam sobre essa questão, como poderiam ser levados adiante, será que continuaremos a dar as costas para o sofrimento atual da comunidade, será que continuaremos a dar as costas para o sofrimento atual da comunidade?

Paola Amendoeira pergunta: "Posso responder?"

[Ela se posiciona com entusiasmo sobre a questão. Paola fica aliviada com a pergunta, pois parecia ser uma questão que estava flutuando no ar e ninguém ousava repassar.](#)

Ela ressalta que considera que a psicanálise vem se afastando do campo social e das políticas públicas do Estado, Paola nos diz que o crescimento das teorias cognitivo-comportamentais e seus estudos com dados estatísticos e relacionais "vendem" uma maior validade de suas avaliações do indivíduo, deixando a psicanálise fora de ordem. Diferente dessa ideia, ele enfatiza que, por meio da OMS, eles conseguiram demonstrar, a partir de certos estudos, uma maior eficácia e eficiência da psicanálise nos indivíduos a longo ou médio prazo. Como um campo a ser retomado, ele argumenta que a responsabilidade do Estado por seus cidadãos é elementar, e que a ciência hoje tem instrumentos que podem dar conta das contribuições e efeitos que a psicanálise pode ter sobre isso. Ele propõe a saúde mental como base para o desenvolvimento. Por isso, a prevenção em saúde mental é essencial, invertendo a ordem (sem que esse seja o objetivo final), a partir de sua proteção, defesa e manutenção, podendo assim dar o direito a uma vida digna.

Laura Ravioli, da Itália, continua com seu comentário: ela nos agradece por chamar a atenção para essa questão e nos conta como a IPA chamou sua atenção para o fato de que muitos psicanalistas trabalham com mães e bebês, pessoas que estão na prisão, outros que são refugiados, circunstâncias e fatores que também precisam ser levados em conta em nosso treinamento. Ela se pergunta sobre o lugar do dinheiro nessa questão e sobre as populações que se encontram em circunstâncias de recursos econômicos escassos. Como a psicanálise pode intervir nesses casos? Laura ressalta que isso é importante para a imagem da psicanálise... enquanto não conseguirmos nos aproximar dessas realidades, que são concretas em si mesmas, a psicanálise acabará sendo invisibilizada pela própria população.

Santiago Carballo intervém propondo a leitura de alguns comentários do público, entre os quais cita Mónica Cardenal: "Gostaria de comentar que a IPA criou um comitê chamado PASE, trabalhamos com diferentes comunidades ao redor do mundo que estão em crise devido a catástrofes naturais ou provocadas pelo homem, junto com essas comunidades pensamos e organizamos estratégias de intervenção psicanalítica que dependem de cada região e de cada cultura, é uma tarefa muito complexa, pois o nível de perda material é muito complexo. Trabalhamos com profissionais de outras áreas, como pediatras e professores, e nos deparamos com a dificuldade de trabalhar também com nossos próprios limites. Nossos institutos são fundamentais para nos fornecer as ferramentas necessárias para fazer isso".

Teresa Rocha: Encerrando e resumindo a sessão da tarde, ela destaca o interesse nos desafios que essas questões representam para nós ao trazer os direitos humanos para a formação de psicanalistas. Ela expressa seu desejo de insistir na importância da experiência emocional no trabalho de campo no território, a fim de dar a possibilidade de uma mudança de mentalidade. A história, ressalta Teresa, vai mais devagar do que se gostaria, ela propõe que empurrar o trem da história possibilitará que a experiência de nossos candidatos tenha um trabalho clínico em diferentes territórios, fazendo uma grande diferença da participação da psicanálise nas pessoas, na população, com uma psicanálise que não se afasta do organismo da sociedade.

Conclui compartilhando seu testemunho da importância do trabalho que está sendo feito hoje como subcomitê da IPA na ONU, não porque essas instituições tragam soluções em si, mas porque são espaços de mobilização e pressão política sobre as questões humanas, de modo que aquilo que nos torna tais possa ter outro valor, razão pela qual conclui ressaltando que o trabalho feito hoje nos traz esperança. Prova disso é a expressão da conexão coletiva.

[Voltar ao ÍNDICE](#)

Mais do que um epílogo, uma abertura!

Pode ser uma surpresa que o epílogo tenha sido escrito por um membro da plateia que não é psicanalista, mas um professor de Língua Materna e Literatura que pertence a uma das equipes de trabalho do grupo de estudos Psicanalistas na Comunidade e que organizou a edição junto com um grupo de voluntários, incluindo minha colega Susana Szczupac, que também é educadora e psicóloga.

Ao preparar a edição, pude examinar todos os diferentes estilos de reportagem.

Fiquei comovida com alguns deles, que emanam a verve, o poder e o frescor de um estudante de psicanálise, ou seja, de um analista em treinamento. Sua sensibilidade ao que foi ouvido, comentado e exposto dá ao contexto da escrita uma emocionalidade que descreve os climas afetivos vividos durante o webinar, em seus diferentes espaços, momentos, conceitos e trocas.

Eles não estavam fazendo um exame. Não estavam testando seu conjunto de conhecimentos. No entanto, o que eles aprenderam ao longo dos anos e a teoria já incorporada neles emergiram espontaneamente.

Os estados afetivos que registraram não foram um obstáculo, mas um estímulo para um exercício de registro e escrita, cujo desempenho lingüístico é motivo de orgulho para seus professores.

Como professora, meus parabéns a esses professores psicanalistas que souberam transmitir o amor pelo conhecimento do outro e do eu, em um exercício de empatia lúdica, enriquecendo a própria experiência de passar por um webinar profundamente comprometido com os direitos humanos.

Os momentos de tensão significaram para eles momentos de desnaturalização de alguns conceitos. Junto com a surpresa, houve um acompanhamento criativo, que você poderá observar na escrita.

Parabéns aos escritores!

Nota de rodapé. Eu disse no início que este texto é um epílogo. Pode parecer, mas, na verdade, é uma porta que se abre para outros encontros, eventos e intercâmbios, todos eles lugares de conflito e aprendizado, todos eles lugares que são uma estrutura para práticas democráticas e respeitadas do outro, mesmo quando o "outro" é uma minoria.

Liliana García Domínguez
Equipe Educreando® Binacional

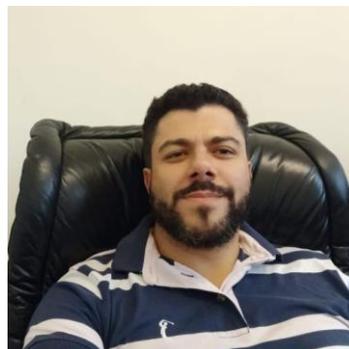
[Voltar ao ÍNDICE](#)

OS RELATORES

ESPAÇO DA MANHÃ



MARTA MULLER STUMPF



VÍCTOR CRUZ



NATALIA MUDARRA



CAROLINA GIOACCHINI

ESPAÇO DA TARDE



ANDREA POYASTRO



CAMILA GASTELUMENDI



FERNANDO ÁLVAREZ



ANTONIO RAMÍREZ

[Voltar ao ÍNDICE](#)